

SOY PAN, SOY PAZ, SOY MÁS
trabalho doméstico e trabalho sexual de mulheres migrantes

Nancy Cardoso Pereira^(*)

Resumo

O trabalho sexual e o trabalho doméstico precarizado feito por mulheres pobres e/ou migrantes apontam para uma crise profunda nos âmbitos da reprodução social da vida em todos os aspectos. Muitas formulações de políticas que buscam proteger as mulheres de diversos modos de violência encontram apoio ou restrição por parte das igrejas cristãs expressando suas concepções religiosas e influência política nos espaços decisórios. Este texto quer analisar estes posicionamentos considerando as interferências das teses “defensivas” e “abolicionistas” apontando para possibilidades de intervenção da teologia feminista latino-americana.

Palavras-chave:

Trabalho Sexual. Trabalho Doméstico. Migração. Mulheres.

SOY PAN, SOY PAZ, SOY MÁS
domestic work and sex work of migrant women

Abstract

The precarious sexual work and domestic work done by women and/or migrants point to a deep crisis in terms of the social reproduction of life in all aspects. Many formulations of policies that seek to protect women from several forms of violence find support or restriction by Christian churches expressing their religious concepts and political influence in decision making spaces. This text intends to analyze these positions considering the interferences of the “defensive” and “abolitionist” thesis pointing to possibilities for the intervention of Latin-American Feminist Theology.

Keywords:

Sexual Work. Domestic Work. Migration. Women.

^(*)Nancy Cardoso Pereira, pastora metodista, formada em teologia e filosofia, é pós-doutora em História Antiga na Unicamp, membro do conselho editorial da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana; membro do Palestine Israel Ecumenical Forum (PIEF)/ World Council of Churches (WCC); membro do Núcleo de Estudos de Gênero da Escola Superior de Teologia (EST); Assessora de Formação da Comissão Pastoral da Terra (CPT). nancycpt@yahoo.com.br.

Texto recebido em: 30 mar. 2016. Texto aprovado em 18 Ago. 2016.

*Yo so-o-oy, yo so-o-oy, yo so-o-oy
soy agua, playa, cielo, casa, planta,
soy mar, Atlántico, viento y América,
soy um montón de cosas santas
mescladas con cosas humanas
como te explico . . . cosas mundanas.*

*Fui niño, cuna , teta, techo, manta,
más miedo, cuco, grito, llanto, raza,
después mezclaron las palabras
o se escapaban las miradas
algo pasó . . . no entendí nada.*

*Vamos, decime, contame
todo lo que a vos te está pasando ahora,
porque sino cuando está el alma sólo llora
hay que sacarlo todo afuera,
como la primavera
nadie quiere que adentro algo se muera
hablar mirándose a los ojos
sacar lo que se puede afuera
para que adentro nazcan cosas nuevas.*

(Mercedes Sosa)

As latino-americanas: pão, água, casa, planta... *um montón de cosas santas mescladas com cosas humanas... como te explico? cosas mundanas!* A canção de Mercedes Sosa expressa uma busca constante e urgente dos movimentos de mulheres na América Latina: a articulação entre os muitos espaços de luta em especial os espaços de vidas das maiorias de mulheres pobres do continente e em migração.

Qual a diferença entre as coisas humanas e as coisas mundanas? Em especial para teologia feminista latino americana as coisas santas/humanas/mundanas se confundem como totalidade de vida e de opressão: *niño, cuña, teta, techo, miedo, cuco, grito, llanto, raza*. Empregadas domésticas, babás e trabalhadoras sexuais: *yo soy!*

Duas realidades incômodas: a maioria das mulheres migrantes trabalha especialmente com duas questões econômicas vitais da vida: o trabalho doméstico e o trabalho sexual. São trabalhos árduos, repetidos, não necessariamente criativos, de forte demanda, baixa remuneração, podendo se diferenciar; o senso comum diz que para estas tarefas não é preciso qualificação, treinamento, formação ou coisa do tipo. Basta ser mulher.

A casa e sua vertigem

As coisas, as pessoas, os lugares impregnados de uso se desgastam, envelhecem e ficam sujos. As roupas, os copos e as janelas. As crianças, os idosos e os doentes. O quarto, o escritório, a estação, a praça, a rua, a igreja. De estar vivo e de estarem em uso, as pessoas e as coisas repetidamente estão necessitadas de cuidado, limpeza, consertos. De novo e de novo, viver produz lixo, produz cansaço, produz poeira, produz manchas, restos, cheiros. Qualquer que seja a forma social de produção ela tem de ser contínua, deve repetir rotineiramente as mesmas atividades criando as condições para continuar existindo.

As casas que sempre se sujam. As camas sempre reviradas, o banheiro com mau cheiro, a louça acumulada na pia... as roupas que nunca ficam em paz! Sempre em trânsito entre as gavetas, os corpos e o tanque ou a máquina, o varal, o ferro, a gaveta, o corpo e tudo de novo. Repetidíssimo.

As coisas no armário, vindas do mercado, vindas das fábricas e plantações: se ajogam nas panelas, se encontram com facas, temperos e se esgotam nas fomes de novo e de novo. Cozinhar é tarefa sem fim! E os pratos sujos, a gordura agarrada nas panelas, a transparência embaçada dos copos! Fazer de novo e refazer. O trabalho doméstico é rotina necessária, a vida girando e se fazendo possível de novo. Demanda trabalho, demanda tecnologias de cuidado e mecanismos de continuidade. E não tem valor algum!

O cotidiano seria um ventre estéril, um encadeamento de repetições que organiza as relações, as necessidades e as resoluções na vida prática das comunidades... O cotidiano, entendido como a vida ordinária – em todos os sentidos – seria o *topos*, a necessária e irremediável rotina que se oporia ao *utópico*, por isso mesmo, seria um espaço incapaz de expressar e ser permeado pelo valor ou pelo sagrado.

O cotidiano, entendido como mesmice histórica, repetição incansável do mesmo é incapaz de fazer história. Nesta compreensão o cotidiano tem tempo igualado; o tempo

se divide em parcelas de horas que se repetem marcando as necessidades e rotinas. O cotidiano, então, teria sua linguagem, também ordinária, lida com um horizonte de sentido ordinário da palavra.

No cotidiano as palavras seriam instrumentos corriqueiros de troca, sempre mantendo a relação entre palavra e coisa como no aprendizado da fala pelas crianças: tenho fome, tenho sede, faz frio, quero dormir, a barriga dói, ralei o joelho, quebrei a janela, acabou o papel higiênico, traz a toalha... monólogos intermináveis e repetidos.

Esta designação do espaço doméstico para as mulheres se estrutura historicamente na cultura de modo a ser percebido como natural e normal.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado.¹

Esta estrutura precisa de mitos para sustentação de seus mecanismos: o mito do amor romântico, e o mito do amor materno viabilizam a sobrecarga de trabalho explorado e quase exclusivo das mulheres no âmbito da casa, muitas vezes acumulando horas de trabalho também fora de casa. De certo modo a religião investe também neste imaginário confirmando o “feminino” na realização das tarefas da casa e na maternidade.

A consolidação do cristianismo patriarcal preservou este imaginário que atualiza e reinventa padrões em que as mulheres “aceitam” o sofrimento como parte inerente de sua experiência salvífica que pode se expressar também no trabalho para outros e outras, na obrigação do sacrifício do serviço.

Estas sustentações míticas são atualizadas também nos objetos culturais de massa como as novelas e seus enredos românticos que flexibilizam as normas, confirmando as regras e mantendo as mulheres neste simulacro do mundo do cuidado, do espaço privado e das tarefas domésticas. Também o mundo da propaganda e do marketing voltado para a “casa” participa deste esforço de representação e disciplina tendo o consumo e o funcionamento do mercado como objetivo a ser perseguido.

as associações entre telenovela e público feminino, demonstra(m) que há um grande interesse comercial nesta construção simbólica. Esta associação – cujas

¹ HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão Sexual do trabalho*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em 15/06/2014.

origens são históricas e culturais – tem também um aspecto útil para emissoras como a Rede Globo, na medida em que aproveita de outra associação simbólica forte no meio publicitário e de marketing, a que considera o consumo como uma prática feminina. Telenovela e consumo são fortemente associados ao espaço doméstico e à esfera familiar, conexões reforçadas pela própria indústria cultural e pela publicidade.²

Em si mesmo o trabalho doméstico não tem dignidade nem valor, mesmo quando *glamurizado* nas narrativas da mídia de entretenimento e de marketing. Historicamente e culturalmente feito por mulheres gratuitamente ou em situação de submissão. As mulheres migrantes estão aí neste lugar: deixam de fazer estas tarefas no âmbito de suas casas para fazer para outros núcleos familiares, reforçando o caráter classista destes atributos culturais. As mulheres pobres migrantes vendem trabalho doméstico. As mulheres de classe média e alta compram trabalho doméstico, livrando-se assim parcialmente dos atributos culturais.

O capitalismo não cria desigualdades raciais e de gênero, ele as apropria. O racismo e o sexismo operam de modo a criar disputas dentro da própria classe trabalhadora gerando privilégios na competição por ocupações do mercado de trabalho. A divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007) em que há, supostamente, trabalhos de mulheres e trabalhos de homens, sendo os desses últimos mais valorizados, não funciona da mesma maneira para todas as mulheres.³

As questões étnicas e raciais também operam de modo importante nesta equação, aprofundando as formatações históricas de subordinação de grupos sociais colonizados e mantidos na subalternidade através de mecanismos de exclusão na organização social e sexual do trabalho. Sem esta combinação de variáveis analíticas – classe, gênero, etnia – fica difícil desvelar os muitos níveis de subordinação que se escondem no âmbito do trabalho doméstico, em especial do trabalho doméstico de mulheres migrantes.

Esta simultaneidade de relações que se mantém e se deslocam precisam ser consideradas tanto numa perspectiva analítica como na formatação de possíveis políticas de intervenção e de defesa de direitos,

La creciente feminización de las migraciones sigue siendo un tema secundario o ausente en las políticas públicas. No obstante, el hecho de encontrar un

² ALMEIDA, Heloisa Buarque de. “Melodrama comercial: reflexões sobre a feminização da telenovela”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 19, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15/06/2014.

³ CHAVES, Marjorie. *Sociedade capitalista, racismo e sexismo: a importância da autocritica feminista*. Disponível em <http://blogueirasnegras.org/2014/06/16/sociedade-capitalista-racismo-e-sexismo-a-importancia-da-autocritica-feminista/>. Acesso em 28/05/2014.

número cada vez mayor de actividades relacionadas con el trabajo doméstico y de cuidados en manos de trabajadoras migrantes ha llamado la atención sobre la necesidad de examinar con más profundidad los vínculos entre el trabajo migrante y la creciente dificultad de los Estados y sociedades receptores para garantizar la reproducción social de sus habitantes. La «globalización» de los cuidados y las familias transnacionales no solo constituyen una nueva fuente de desigualdad; también actualizan viejas jerarquías de clase y género en las sociedades de origen y contribuyen a redefinir concepciones naturalizadas sobre la familia.⁴

*Fui niño, cuna , teta, techo, manta,
más miedo, cuco, grito, llanto, raza,
después mezclaron las palabras
o se escapaban las miradas
algo pasó... no entendí nada.*

Sexo: entre o trabalho e a fantasia

Também! Mesmice. Tudo igual. O mesmo desejo não resolvido, a mesma miséria sensual, erótica e sexual. A rotina do sexo legalizado em meios aos pequenos dramas do cotidiano cria o imaginário do sexo inesperado, pagado, rotineiramente sem rotina. O que falta? Ou o que sobra?

Todos nós, fazemos dinheiro com o uso de nosso corpo. Professores, operários, advogados, cantores de ópera, prostitutas, médicos, legisladores - todos nós fazemos coisas com partes do nosso corpo e recebemos um salário em troca. Algumas pessoas recebem um bom salário e outros não, alguns têm um grau relativamente alto de controle sobre seu trabalho e alguns têm pouco controle, alguns têm muitas opções de emprego e alguns têm muito pouco. E alguns são socialmente estigmatizados e outros não.⁵

A prostituição tem muitas características em comum com outras atividades que implicam serviço corporal e difere destas atividades em muitas maneiras sutis, mas a maior diferença consiste no fato de que é, hoje, a mais amplamente estigmatizada. O estigma vem de um julgamento moral: historicamente, a prostituição tem sido vista como *imoral* porque o sexo extraconjugal não reprodutivo foi visto como imoral.

⁴ HERRERA, Gioconda. *Cuidados globalizados y desigualdad social*. Reflexiones sobre la feminización de la migración andina. Disponível em http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=53&func=fileinfo&id=435. Acesso em 03/06/2014.

⁵ NUSSBAUM, Martha C. *Sex and Social Justice*. Oxford: USA Trade, 1999.

Dessa forma, a sexualidade da plebe não-proletarizada era criminalizada, definindo-se uma moral burguesa, em relação à qual todo desvio era considerado delito. Fora da moral burguesa, portanto, não se admitia solução para a sexualidade. Os olhos de Polícia e Medicina acossavam a plebe não-proletarizada para lhe dizer que os homens e mulheres ali situados socialmente não estavam livres em nenhum momento, sequer na intimidade erótica.⁶

Mas, em termos econômicos, a prostituição é apenas uma expressão específica da exploração da força de trabalho geral do trabalhador/a. Uma prostituta vende sexo não-reprodutivo, enquanto uma mulher com contrato de casamento vende sexo reprodutivo associado ao trabalho doméstico.

A prostituição é uma indústria transnacional de vários milhões que mobiliza internacionalmente milhões de trabalhadoras, regulada de forma muito diferente em diferentes países, é altamente fragmentada em diferentes mercados, em que diferentes tipos de intermediários estão presentes.

*Soy um montón de cosas santas
Mescladas con cosas humanas
como te explico... cosas mundanas.*

O sexo

Sexualidade é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase – mecanismos de regulação da composição corporal - à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação.⁷ Uau!

Os estudiosos e as estudiosas nos mostram que a sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, é, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais. É produto de forças sociais e históricas. Os seres humanos são indivíduos sexualizados, portadores de um caráter sexual incluindo sentimentos sexuais harmônicos ou desarmônicos, condutas e fantasias sexuais, dificuldades e resoluções dos problemas sexuais.

“Culturalmente se reconhece o sexo convencional como sendo heterossexual,

⁶ MAZZIEIRO, João Batista. “Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15/06/2014.

⁷ BEARZOTI, Paulo. *Sexualidade, um conceito psicanalítico freudiano*, Neuropediatria. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24.pdf>. Acesso em 15/06/2014.

coital, com finalidade prazerosa e/ou procriativa”, regularmente monogâmico e mediado pelo casamento.⁸ A sociedade e a cultura apontam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou doentias. A atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida aos dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais, não só na prostituição.

A sexualidade se apresenta como um dos principais focos dos dispositivos de controle social que têm reservado e designado às mulheres lugares e papéis específicos, relacionados com sua natureza, capacidade de reprodução, de atenção à família, incapacidade de atuação no mundo público e de participação política. Com isso, observamos uma moralização acerca da experiência das prostitutas. Elas têm sido representadas como desviantes, más, escravas e, frequentemente, são consideradas como aquelas que negam a natureza feminina. A essas concepções são associadas formas de controle específicas, sendo a estigmatização uma forma de sanção pela transgressão de uma essência ou moralidade femininas.⁹

Pornografia, prostituição, bares, saunas, casas de show, bordéis, casa de festas, e todo um conjunto de atividades e possibilidades flexionam o que é considerado como norma sociocultural criando os espaços instituídos e precários que se afastam do modelo estabelecido familiar e monogâmico entendido como forma dominante de vivência da sexualidade na sociedade.¹⁰

Fora do contrato sexual institucionalizado, fora dos acordos sociais expressos nas unidades familiares a prostituição resiste teimosamente nos espaços paralelos. Necessidade? A demanda existe e se mantém aquecida mantendo um mercado sexual globalizado ativo e em expansão.

Quando consideramos o trabalho sexual de migrantes muitas variáveis precisam ser consideradas: os binários entre prostituição forçada e voluntária, autonomia e liberdade de um lado e exploração e violência de outro. No quadro da migração as mulheres do “terceiro mundo” são aquelas identificadas com a sexualidade como recurso de sobrevivência de mulheres pobres:

⁸ BALLONE, G.J. *Delitos Sexuais (Parafilias)*. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br/site/DefaultLimpo.aspx?area=NO/LerNoticia&idNoticia=20>. Acesso em 15/06/2014.

⁹ MAYORGA, Claudia. “Cruzando fronteiras: prostituição e imigração”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 37, Dec/2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14/06/2014.

¹⁰ LUNA SALES, Ana Paula. “Amor à venda? Ritualizações do programa entre as prostitutas do restaurante Granada”. *Etnográfica*. Lisboa, v. 17, n. 1, fev/2013. Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612013000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16/06/2014.

Se por um lado essas mulheres migram com seus sonhos de fazer dinheiro, de independência e de autonomia, por outro encontram nos países receptores uma série de expectativas em relação aos seus comportamentos, atuações e identidades; expectativas que podem ser identificadas em níveis diversos – nas políticas públicas para estrangeiros, instituições diversas que atuam junto a imigrantes, nas relações do cotidiano, nos debates atuais acerca de tráfico de mulheres e nos embates acerca da profissionalização da prostituição nos países europeu.¹¹

Existe uma demanda real no mercado de serviços sexuais para mulheres migrantes nos países de primeiro mundo. A prostituição feminina disputa o segundo lugar com o tráfico de armas como o negócio ilegal que movimenta mais dinheiro depois do narcotráfico; a prostituição internacionalizada responde a interesses econômicos – um lucro muito grande, com um investimento muito baixo – e tem como sustentação um imaginário do colonialismo ampliado e seus vetores de gênero, classe e etnia.¹² As formas sexuais no âmbito do capitalismo avançado acumulam contradições nas relações sociais de gênero que abrem espaço real para a busca de satisfação de desejos sexuais fora dos parâmetros emancipatórios destes contextos. As migrantes ocupam exatamente este espaço de contradição por isso mesmo desprovido de direitos e de segurança.

As mulheres latino-americanas são um exemplo de como as heterodesignações eurocêntricas prescrevem a noção de outra racializada e sexualizada: é bastante comum encontrar representações sobre as mulheres brasileiras que as definem pela sua sensualidade e erotismo, como mulheres que vivenciam sua sexualidade de forma livre e natural e como amáveis, pacientes e carinhosas.¹³

A ampliação do mercado do entretenimento, turismo e lazer que qualificam o fluxo de pessoas pelo planeta em busca de aventuras, conhecimento e prazer explica o crescimento significativo do fenômeno dos lugares de “conforto”, entre eles a prostituição:

é a demanda dos bordéis, dos lugares de lazer e também da indústria hoteleira; uns e outros demandam cada vez mais material novo e cada vez mais atraente para as sempre crescentes demandas dos clientes que procuram experiências "particulares". Tudo isso leva consigo a necessidade de uma contínua troca e de um rejuvenescimento crescente do pessoal que trabalha com o prazer. Não é casualidade que a cada ano entrem na Europa 500 mil pessoas novas, quase sempre menores de idade, e que outras, já exploradas e doentes, sejam expulsas

¹¹ MAYORGA. *Op.cit.*

¹² “Prostituição Gera Us\$ 16 Bilhões Ao Ano Na América Latina”. *GI*. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1407304-5602,00-PROSTITUICAO+GERA+US+BILHOES+AO+ANO+NA+AMERICA+LATINA.html>. Acesso em 08/11/2013.

¹³ MAYORGA. *Op.cit.*

do círculo da prostituição e acabam abandonadas nas ruas.¹⁴

O trabalho migrante de mulheres transita pelo espaço mesmo de manutenção do capitalismo, suas promessas e suas contradições. A incapacidade do sistema econômico em responder de modo pleno ou satisfatório às necessidades e desejos dos grupos sociais e indivíduos, projeta imaginários de realização e reforça os mecanismos de desigualdade e violência que precisam do trabalho barato e precário de trabalhadoras domésticas e sexuais para criar as formas de compensação e manter os níveis de acumulação fundamental para a reprodução do capitalismo.

O sistema capitalista, que possui essa dinâmica, atingiu o limite de suas contradições. O principal ponto do capitalismo é ignorar a necessidade real das pessoas. Prova disso é que ainda hoje as pessoas sofrem enormemente. Elementos da necessidade humana não podem ser considerados porque a natureza do nosso sistema é um crescimento sem limites e sem fim.¹⁵

*Vamos, decime, contame
todo lo que a vos te está passando ahora,
porque sino cuando está el alma sóla llora
hay que sacarlo todo afuera,*

Relações Sociais de Gênero e Capitalismo: corpo e trabalho migrante

O funcionamento pleno de setores mais desenvolvidos da economia capitalista não elimina a necessidade de formas de trabalho precárias e informais, mas ao contrário, precisa delas e as potencializa. Tais formas necessárias de trabalho se mostram evidentes no trabalho doméstico em suas variáveis, e de modo especial nas formas de trabalho sexual. As mulheres migrantes se ocupam quase que exclusivamente destas tarefas. O trabalho delas cria condições para que homens e mulheres profissionais qualificados/as desenvolvam com exclusividade longas horas de trabalho, uma vez que as tarefas com a casa vão ser feitas por uma trabalhadora imigrante, diretamente ou mediada por alguma empresa especializada.

¹⁴ ROSA, Giuseppe. “Prostituição globalizada”. *Amaivos*. Disponível em http://direto.amaivos.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=10610&cod_canal=42. Acesso em 8/11/2014.

¹⁵ MÉZÀROS, István. “As contradições do capitalismo”. *Carta Capital*. Acesso em <http://www.cartacapital.com.br/politica/as-contradicoes-do-capitalismo>. Acesso em 12/12/2013.

O trabalho doméstico migrante cria condições para que outras mulheres possam se dedicar ao trabalho profissional e ter certo estilo de vida em casa, e também permitindo que homens continuem a não fazer trabalho doméstico. Neste sentido, a “complementariedade” do trabalho migrante cria a ilusão da igualdade de gênero na classe social que compra esse trabalho, mas, na realidade, o que acontece é o deslocamento da desigualdade de gênero no mercado global. Os baixos salários e as condições de trabalho revelam a desvalorização atribuída a este trabalho.

Neste sentido, o trabalho doméstico de maioria de mulheres imigrantes é integrado à produção do capital moderno: o modo de organização do capital exige o trabalho precário como base de suas formas básicas de acumulação. Também a lógica capitalista organiza o trabalho doméstico precário através de agências de trabalhadoras provisórias, lojas de *fast food*, lavanderias, etc.

entendemos que os trabalhadores precarizados são uma parte da classe trabalhadora em permanente trânsito entre a possibilidade da exclusão socioeconômica e o aprofundamento da exploração econômica (...) A necessidade de definir os limites gerais do precariado nos obriga também a diferenciá-lo dos setores profissionais, ou seja, aqueles grupos mais qualificados, mais bem remunerados e tendencialmente mais estáveis, da classe trabalhadora. Em suma, identificamos o precariado com a fração mais mal paga e explorada do proletariado urbano e dos trabalhadores agrícolas, excluídos a população pauperizada e o lumpemproletariado, por considerá-la própria à reprodução do capitalismo periférico.¹⁶

Um relatório do Banco Mundial mostra que as remessas oficialmente registradas em todo o mundo ultrapassaram 232.000 milhões dólares em 2005. Desse total, os países em desenvolvimento receberam 167.000 milhões dólares americanos, mais do que o dobro do nível da ajuda ao desenvolvimento de todas as fontes.¹⁷ Estimativas do relatório de remessas enviadas através de canais informais poderiam adicionar ao menos 50 por cento para a contagem oficial, tornando-se a maior fonte de capital externo em muitos países em desenvolvimento, mas também gerando distorções orçamentárias e reforçando esquemas de dependência.¹⁸

¹⁶ PESTANA, Marco Marques, A retomada das ruas em junho de 2013: uma análise da nova conjuntura política brasileira. *Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois*, Disponível em: <<http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MManteriores/MM2013/Trabalhos/Amc643.pdf>>. Acesso 12 nov. 2013.

¹⁷ *Princípios gerais para serviços de remessas internacionais*. CPSS/Banco Mundial – Princípios gerais para remessas – Janeiro de 2007. <https://www.bcb.gov.br/htms/spb/Principios_Gerais_Servicos_remessas_internacionais.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2013.

¹⁸ PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 20, n. 57, ago. 2006. Disponível em:

Estes números são para todas as remessas, mas mais mulheres do que os homens migram a fim de apoiar as famílias que ficaram no país de origem. Assim, a decisão pessoal de uma mulher ir para o estrangeiro para fazer o trabalho doméstico está sustentando não só os profissionais e empresários nos países de acolhimento, mas também os governos dos países de origem, os comerciantes de dinheiro como a Western Union, um sem número de contrabandistas, agências de emprego e cafetões ao longo do caminho.¹⁹ A maioria das mulheres migrantes têm filhos/as. A idade média das mulheres migrantes para os EUA é de 29 e de países onde isso normalmente significa já ter filhos. Elas não podem levar seus filhos/as com elas - por motivos legais e econômicos. Muitas mulheres enfrentam uma dupla discriminação de “abandonadoras” de suas famílias e de “promíscuas”, o que acaba limitando muito o acesso às redes de proteção.

A OIT²⁰ considera que as trabalhadoras migrantes podem acumular numerosos níveis de discriminação: (a) sexual, (b) em função da raça, cor ou origem étnica, (c) na profissão, pois, trabalham em empregos que não são consideradas, formalmente, trabalhadoras, (d) salarial, (e) em função da nacionalidade, e, finalmente, (f) com base no estatuto migratório (possuem ou não documentação legal).

Trabalho, reprodução e crise nos sistemas de cuidado no capitalismo

Desde una perspectiva menos centrada en los actores y más enfocada en las estructuras, la migración de mujeres andinas para realizar trabajos de cuidado ha sido analizada como resultado de la coincidencia de una crisis de los cuidados en los países de destino con una crisis de reproducción social en origen. La transnacionalización del trabajo de cuidado se vincula a las cada vez mayores dificultades de los Estados y las sociedades de los países del Primer Mundo para garantizar estos servicios para sus habitantes.²¹

As mulheres pobres e migrantes: empregadas domésticas, babás e trabalhadoras sexuais estão no cerne das atividades de reprodução do capitalismo tanto nos países de origem como nos países de destino. Uma formação social deve ser capaz de reproduzir de modo contínuo suas condições produtivas, isto é, o sistema socioeconômico precisa

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2013.

¹⁹ ANTUNES, Luciene. Eles migram, a Western Union ganha. *EXAME*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0910/noticias/eles-migram-a-western-union-ganha-m0149699>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

²⁰ *Trabalhadoras e trabalhadores migrantes: alcançar a igualdades de direitos e oportunidades*. OIT. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/gender_december.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2013.

²¹ HERRERA, op.cit.,

criar mecanismos de automanutenção de cada uma de suas partes e do conjunto. Isto não significa petrificar a infra e a superestrutura, mas dar as condições de continuidade e maleabilidade que permita a sua continuidade e minimize as possibilidades de crise ou de ruptura, que no caso do capitalismo, por exemplo, seria a inviabilização do lucro. Assim, é fundamental que se garanta a reprodução dos meios de produção, das forças de produção ou força de trabalho e das relações de produção.

a ‘mercantilização das tarefas domésticas e de cuidado’ é um fenômeno que pode ser caracterizado como global desde finais do século XX e cada vez mais associado às migrantes, as ‘recém chegadas’, muitas delas convertidas em ‘mães substitutivas da infância global’, fenômenos que para essa autora renova, o já conhecido debate de traspasso de funções domésticas, sempre e unicamente entre mulheres.²²

O trabalho doméstico e a vida cotidiana são os processos de reposição das necessidades do/da trabalhador/a. Significa o esforço social e o trabalho continuado de manter materialmente as forças corporais de tal modo que o sujeito do trabalho se apresente para exercer suas funções. Cozinhar, limpeza do espaço de moradia, roupas e seus cuidados, cuidados de saúde, organização e manutenção de víveres, etc. Estas atividades e seus desdobramentos e variações compõem o âmbito do trabalho doméstico que deve ser entendido como elemento vital de reprodução de um sistema econômico. As condições precárias de trabalho de muitas das trabalhadoras migrantes tem impacto direto, não somente para a vida delas e de suas famílias no país de origem, mas também, para o núcleo familiar do qual são responsáveis.

De certo modo, os estudos econômicos não consideram as atividades domésticas como trabalho²³ uma vez que não produzem produto, isto é, não se objetivam numa mercadoria. As feministas marxistas insistem na perspectiva que o trabalho doméstico é também produtivo uma vez que produz a força de trabalho – apreendida pelo sistema econômico mercadoria- e produz valor de uso no âmbito da casa e da família. De modo evidente o trabalho doméstico viabiliza a manutenção da força de trabalho, ficando também como trabalho alienado uma vez que – basicamente estruturado como trabalho não pago ou mal remunerado – se apresenta como um mecanismo de produção e apropriação de mais-valia.

Outra dimensão fundamental é a reprodução geracional: a capacidade de reprodução da nova geração que será socializada dentro de uma sociedade determinada.

²²NASH, Mary. Nuevos horizontes y viejos dilemas. Los retos de la era global. In: NASH, M. *Mujeres en el Mundo*. Historias, retos y movimientos. Madrid: Alianza Editorial, 2012, p. 309-339.

²³ GREER, G. *Sexo e destino: a política da fertilidade humana*. Rio de Janeiro: Rocco. 1987, p.160.

Significa repor materialmente os indivíduos dentro da lógica de divisão e atribuição de poder no quadro social.

Atividades como relação sexual, gravidez, parto, maternagem, socialização das crianças são atividades vitais para a reprodução da vida material e da sociedade. Estas atividades que se estruturam a partir do repertório biológico e cultural, respondem diretamente às necessidades históricas do sistema econômico de se reproduzir.

Subordinadas às dinâmicas do espaço familiar e restritas ao mundo doméstico, estas atividades são diretamente controladas também pela concepção de propriedade e seus mecanismos de manutenção: jurídico, cartorial, ideológico e religioso. De modo específico, as políticas populacionais e ambientais são subprodutos dos sistemas econômicos com vistas à sua “auto-manutenção”. Milhares de mulheres migrantes socializam milhares de milhares de crianças num esquema ambíguo de valorização sentimental que nem sempre se expressa na valorização do trabalho e garantia de direitos, reproduzindo os esquemas de opressão do papel materno no âmbito da família burguesa.

O trabalho sexual e o trabalho doméstico precarizado feito por mulheres pobres e/ou migrantes apontam para uma crise profunda nos âmbitos da reprodução social da vida em todos os aspectos. Este trabalho de cuidar, de recolocar as coisas em condições de uso... que alguns chamam de economia do cuidado está em crise!

No capitalismo globalizado toda a sociedade é afetada por aquilo que tem sido chamado de crise de cuidados: a sociedade com mercados desenvolvidos precisam do trabalho migrante de mulheres para a satisfação destas necessidades (trabalho doméstico/trabalho sexual). Mas também nas sociedades de origem das mulheres migrantes a saída de uma quantidade significativa de mulheres para outros países coloca uma super pressão e exploração sobre as mulheres que ficam e que assumem famílias inteiras, dependendo das remessas enviadas por outras mulheres no exterior.

Há um mundo das atividades humanas fora da área iluminada do mercado, aqui chamado problematicamente de *cuidados*. O cuidado como trabalho são aquelas atividades que estão ligadas à reprodução da vida em seus vários aspectos que vão desde a comida preparada, cuidado com as roupas, a casa, proporcionar descanso e lazer aos aspectos reprodutivos no sentido mais estrito, relacionados com a gravidez, o parto e o cuidado da vida / os recém-nascidos. No mesmo sentido é o cuidado dos idosos e dos doentes. São postos de trabalho? Sim, eles são, mas não são considerados dentro da economia em uma perspectiva de mercado centrada. E o sexo como trabalho e seus âmbitos diversos, plurais, desiguais não podem ser reduzidos aos fenômenos existentes e

preocupantes do tráfico e do trabalho escravo. O trabalho sexual opera também no âmbito da economia do cuidado?

Pensar políticas sociais, defesa de direitos e cidadania como também pastorais junto a e com trabalhadoras domésticas e trabalhadoras sexuais imigrantes não pode se reduzir ao enfrentamento dos problemas imediatos do mundo da imigração. É preciso pensar todo o sistema que se autorregenera e precisa do trabalho doméstico e da prostituição como espaço complementar fundamental de autossustentação. Não se reduz a pensar a sexualidade prostituída das mulheres da zona, mas pensar a miséria sexual de homens e mulheres. Não se reduz a pensar os direitos das trabalhadoras domésticas, sim desvelar a crise profunda com a economia do cuidado, a necessidade de terceirizar e precarizar estas formas de trabalho.

*Vamos, decime, contame
todo lo que a vos te está pasando ahora,
porque sino cuando está el alma sóla llora
hay que sacarlo todo afuera,
como la primavera*

Regulamentação ou abolição: propostas e políticas

O fenômeno crescente da migração e em especial da migração de mulheres e sua participação no âmbito do trabalho doméstico e sexual tem revelado distintas formas de análise, interpretação e encaminhamento de políticas. Estas interrogantes sociais se colocam tanto para governos, como movimentos sociais e distintos agentes políticos entre eles as igrejas cristãs e suas agências.²⁴

De algum modo o trabalho doméstico tem sido mais facilmente incorporado na formatação de modelos de ajuste que passam por relações informais, boa vontade e mecanismos de anexação do trabalho migrante ao sistema familiar na forma de anexação. A demanda real pelo trabalho doméstico encontra na migração uma forma de resolução, mas abre diversas dimensões de integração e de direitos que não conseguem ser ampliados e garantidos.

²⁴ CARRASCO, Esteban Tabares. "Fui extranjero y me acogisteis": Inmigración y respuestas cristianas. *Comunidades Cristianas Populares*. Disponível em: <<http://www.ccp.org.es/node/42>>. Acesso em 12 nov. 2014.

El carácter intrínseco del trabajo de cuidado, en el que entran en juego aspectos subjetivos que van más allá de una prestación de servicios, habla de contradictorios procesos de dependencia emotiva que se crean entre empleadora y empleada, lo que (se) denomina 'familiaridad asimétrica'²⁵.

Assim as formas de interação e assimilação são elas mesmas geradoras de violência: quanto mais as mulheres migrantes se envolvem na familiaridade assimétrica, mais difícil se torna criar mecanismos formas de direitos e de regulamentação do trabalho. As relações de poder entre as classes, as etnias e as relações de gênero em especial entre mulher-que compra-trabalho e mulher-que-vende trabalho não encontram caminhos fáceis de superação das formas caritativas e violentas que sustentam a ilegalidade e a precariedade.

O trabalho sexual de mulheres tem uma trajetória muito mais complexa e de difícil resolução, tanto nos países latino-americanos como nos contextos de migração. As propostas podem ser organizadas entre “de defesa” e “de abolição”.

Defensoras do trabalho sexual estão a favor de uma legislação protetora que iria melhorar as condições de trabalho das prostitutas e diminuir o estigma social associado com a prostituição vinculado com experiências de violência. As abolicionistas argumentam que a prostituição é realizada principalmente por mulheres dentro do capitalismo e, portanto, deve ser vista como parte da perpetuação dos papéis tradicionais de poder dos homens sobre mulheres, e ser abolida.

Tanto a nível nacional e muito mais no nível internacional a distinção entre exploração sexual e prostituição é difícil e ambígua o suficiente para interromper processos de regulamentação e estabelecimento de políticas.

Jean Wyllys afirma:

Muda o vácuo legal a que as profissionais (e os profissionais também) estão submetidos. Muda a insegurança jurídica em não ter sua atividade proibida, mas ter os locais de desempenho desta função criminalizados, mesmo que seja uma simples partilha de aluguel de um pequeno apartamento. Muda uma infinidade de questões que tiram um grupo difamado há milênios da sujeição à violência do próprio Estado, cuja banda corrupta lucra se fazendo de cego ao crime organizado e lhe provendo a segurança de sua operação. Muda a realidade de pessoas que, por conta da operação dessas quadrilhas, são exploradas e escravizadas.²⁶

Os movimentos feministas e de mulheres não têm consenso sobre o assunto e até mesmo setores feministas mais avançados insistem na postura abolicionista do trabalho

²⁵ HERRERA, op.cit.,

²⁶ PAVAN, Bruno.A prostituição em xeque. *Brasil de Fato*. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/28090>>. Acesso em 18 jun. 2014.

sexual entendido como forma extrema de exploração das mulheres. Para Maria Fernanda Marcelina, militante da Marcha Mundial das Mulheres,

Para nós não existe isso. Prostituição é exploração sexual porque as mulheres são a parte mais empobrecida de uma sociedade patriarcal e a sexualidade feminina vira mercadoria e está quase sempre ligada ao prazer masculino.²⁷

Na visão de parte do movimento feminista a liberação sexual dentro dos formatos do capitalismo e das formas de remuneração atual da prostituição significa não romper com práticas patriarcais: “Por isso, reforçamos a vinculação entre liberdade e autonomia, buscando realmente decidir sobre nossa vida e sexualidade, sem a indução pela vontade dos outros.”²⁸

Considerando o cenário internacional é preciso reconhecer a dificuldade de optar por princípio por uma perspectiva de defesa ou abolicionista. A escuta qualificada das mulheres migrantes e trabalhadoras sexuais é fundamental e pode exigir uma aproximação mais cuidadosa e em aberto.

A maior parte dos trabalhadores estrangeiros resgatados não é escrava e não quer ser salva (...) uma estatística, recém-publicada pelo governo dos EUA, segundo a qual apenas 10% dos casos de tráfico de trabalhadores relatados no país [1.229 incidentes de janeiro de 2007 a outubro de 2008, 83% no mercado de sexo] foram comprovados como ‘tráfico’. A maioria deveria ser considerada ‘trabalho migrante ilegal’.²⁹

*nadie quiere que adentro algo se muera
hablar mirándose a los ojos
sacar lo que se puede afuera
para que adentro nazcan cosas nuevas.*

Acolher ou culpar? As mulheres migrantes e as Igrejas Cristãs

Estas dificuldades também fazem parte do modo com as igrejas cristãs, de modo especial as pastorais sociais enfrentam e participam do debate e da busca de estratégias

²⁷ *Ibid.*,

²⁸ *Ibid.*,

²⁹ AGUSTIN, Laura. *Sex at the Margins*. Migration, Labour Markets and the Rescue Industry. Zedbooks. 2007. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=4UR_K7rSLrYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 jun. 2014.

de presença junto às trabalhadoras migrantes.

As Igrejas Cristãs basicamente trabalham com a categoria da “acolhida” nas propostas e programas de acompanhamento de migrantes.

Hay mucho que pensar y hacer en medio de esta “crisis de inmigración”. Quizá nuestro mayor desafío sea tratar esta cuestión como un derecho humano, y entonces luchar contras las fronteras y sus consecuencias, y no como se lo hace ahora: como una criminalidad. Los inmigrantes son ciudadanos del mundo en busca de una vida digna, no son criminales. El principio de hospitalidad debe ser el punto de partida en las discusiones del movimiento por el mundo. Una hospitalidad que no tenga limites, sino que sea la primera parte del principio de la oferta de parada y estadía para todos.³⁰

A Pastoral do Migrante aponta algumas características e desafios vitais para o trabalho pastoral com migrantes:³¹ a acolhida; a constante análise do fenômeno migratório; o desenvolvimento de uma espiritualidade, linguagem/comunicação com @s migrantes e entre eles e elas; a afirmação da cidadania universal e o protagonismo d@s migrantes em todas as dimensões do trabalho pastoral.

A acolhida é, antes de tudo, uma lição d@s migrantes. São eles e elas que, em suas idas e vindas, e devido ao sofrimento que encontram pelo caminho, melhor se predispõem à solidariedade uns com os outr@s. @s migrantes se abrem à acolhida porque experimentam deslocamentos constantes e porque são obrigad@s a passar, e sabem a necessidade de um teto amigo.

Deslocamentos e caminhos, idas e vindas traçam um roteiro de sofrimento e de obrigação, mas abrem possibilidades de solidariedade e tornam possível que “tetos” sejam considerados “amigos”, “fraternos” e “seguros”.

Não basta aguardar que o migrante venha até nós, é preciso marcar presença nos lugares onde ele e elas estão: nas ruas, nas casas, nos alojamentos, nas oficinas de costura, nos locais de trabalho escravo, nas casas de show, nos bordéis, nos lugares degradantes e informais, nas fronteiras entre regiões e países, e assim por diante. Por motivos de tempo esta reflexão não tratará de todos os desafios de percurso, as trajetórias de muitas mulheres pelas fronteiras e a exasperação dos mecanismos sexistas de subordinação, exploração e violência.

A acolhida e a hospitalidade podem ser atitudes de risco! A migração revela desequilíbrios nas relações de poder, desigualdades de acesso às condições de vida e/ou

³⁰ CARVALHAES, Cláudio. Um mundo sin muros. *Ribla* 63. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla63/claudio.html>>. Acesso em 12 jun. 2014.

³¹ *Serviço Pastoral do Migrante*. Disponível em: <<http://spmigrantes.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

modos de vida distintos. A presença do/da migrante deixa evidente estas desigualdades e desequilíbrios e/ou revela possibilidades diversas de “estar no mundo” (como por exemplo, os ciganos). Neste sentido, acolher migrantes pode trazer problemas para quem recebe, pode gerar conflitos com quem quer fazer a presença do/da migrante desaparecer para que o grupo social não tenha que lidar com suas desigualdades e dessemelhanças.

Acolher e ir ao encontro do/da migrante é um aprendizado, é abrir-se para aprender com homens e mulheres que migram mais sobre o mundo, sobre os países e suas relações econômicas, em seu deslocamento os/as migrantes fazem uma análise de conjuntura vivencial sobre possibilidades e expectativas de vida, visibilizam as estruturas sociais e tornam evidentes os tetos “amigos”, capazes da acolhida.

Quem se abre e acolhe o/a migrante é modificado/a pela presença do outro/a. A migração é assim oportunidade de aprendizagem, oportunidade de entender melhor o mundo e um desafio de avaliação do teto que se tem sobre a cabeça.

A hospitalidade expressa esta participação nos processos de mobilidade, peregrinos e estrangeiros eram e foram muitos, os motivos para as andanças e migrações eram todas tão conhecidas. Acolher o migrante faz de quem oferece a hospitalidade um participante da trajetória do/a outro/a, refaz seu próprio caminho, faz a memória de seus deslocamentos. Nas memórias bíblicas estas situações de mobilidade humana e acolhimento estão sempre marcadas por situações de risco e de conflito. Receber alguém em casa pode ser acolher problemas, mas também acolher a oportunidade de tornar os “tetos” e as estruturas sociais amigáveis e seguras.

Numa perspectiva da teologia feminista é preciso:

desarrollar estudios de casos que permitieran poner en evidencia no sólo el carácter sexuado de las dinámicas de globalización, sino también el carácter sexuado de las estrategias de resistencias y de construcción de alternativas a la lógica única del mercado. El estudio de las migraciones internacionales es un tema que resulta ilustrativo de ambos aspectos, ya que por un lado es el resultado de procesos macrosociales ligados a la globalización, y por el otro, es una de las estrategias puestas en juego, en este caso por las mujeres, para enfrentar esos impactos.³²

A perspectiva feminista da acolhida implica também em receber as narrativas migrantes, os porquês da trajetória não podem ser pré-julgados e condicionarem a acolhida. Em especial na situação das trabalhadoras sexuais, as narrativas são ambíguas e precisam ser ouvidas com atenção. Nem todo trabalho sexual migrante é fruto de tráfico

³²Introdução, *Migraciones, globalización y género*. Disponível em: <<http://www.choike.org/nuevo/informes/4228.html>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

ou de situação de violência. As narrativas das trabalhadoras sexuais podem ser de afirmação da liberdade de escolha da atividade e de reivindicação de direitos sem o abandono da prática. É fundamental se manter crítico em relação a programas governamentais e de ONGs que tomam a parte pelo todo e não escutam as vozes de mulheres migrantes trabalhadoras sexuais na afirmação de seu protagonismo e direito de organizar seu corpo e trabalho com liberdade e dignidade.

Dos instrumentos teóricos aos mecanismos políticos e pastorais

Diferentes perspectivas teóricas têm sido utilizadas também pelas igrejas para entender e intervir nos fenômenos de migração. Esta reflexão vai considerar documentos e informes das Igrejas Cristãs nos Estados Unidos, considerando o cenário proposto pelo Encontro de Migração organizado pelo CLAI (Conselho Latino Americano de Igrejas) e o NCC (Conselho Nacional de Igrejas dos EUA) em novembro de 2013, em Quito, Equador.³³

De modo concreto as teorias de modernização explicariam a migração em termos puramente econômicos e entende o fluxo entre o rural e o urbano, o atrasado e o moderno como um mecanismo de regulação de desigualdades e desequilíbrios entre estes mundos.

*Para este enfoque teórico la migración es una decisión individual, es irrelevante la condición de género del migrante, no le interesa los impactos diferenciales que el proceso migratorio tiene en mujeres y hombres y en las sociedades emisoras y receptoras respectivamente.*³⁴

Esta perspectiva ainda persiste em muitas formulações teológicas e pastorais, mas vêm sendo superadas pelas teorias da dependência que introduzem as discussões de relações sociais de poder entre centro e periferia considerando também as consequências da história de colonização e subordinação entre países geradores de migração e receptores. As igrejas têm dificuldade de trabalhar com concepções que dependem da estrutura de classe como variável fundamental para entender e intervir no fenômeno.

³³ Diálogo de las Américas sobre Fe, Economía y Migraciones. *Migrantólogos*. Disponível em: <<http://www.migrantologos.mx/index.php/novedades-bibliograficas/2160-carta-pastoral-a-las-iglesias-de-los-participantes-del-dialogo-de-las-americas-sobre-fe-economia-y-migraciones-quito-ecuador-noviembre-29-diciembre-1-2013->>>. Acesso em: 20 maio 2014.

³⁴ SAN MARTIN, Ximena Zavala; VENEGAS, Claudia Rojas. Globalización, procesos migratorios y estado en Chile, Migraciones, globalización y género. *CHOIKE*. Disponível em: <<http://www.choike.org/nuevo/informes/4228.html>>. Acesso em 13 jun. 2014.

*La emigración se explica por la dinámica del sistema capitalista global que se sustenta en la división internacional del trabajo, producto del intercambio desigual entre economías centrales y periféricas.*³⁵

Esta perspectiva teórica tem recebido contribuição de pensadoras feministas que evidenciam a migração feminina a partir da análise da posição das mulheres na divisão sexual e internacional de trabalho o que viabiliza estudar a situação das migrantes nas sociedades receptoras considerando classe, gênero e etnia. Esta perspectiva também considera determinantes estruturais como as demandas de trabalho ocupado pelas mulheres e sua participação nas esferas de produção e reprodução social por dentro do sistema patriarcal como extensão e variação do lugar que já ocupavam nos países de origem. O problema com esta perspectiva tem sido uma tendência de “vitimização” das mulheres migrantes que seriam determinadas por fatores externos sem muito espaço para autonomia e autodeterminação.

A teoria da articulação é mais sensível a esta última questão uma vez que entende a migração como uma rede de processos complexos e simultâneos não podendo ser reduzidos a uma só variável. O impacto do processo migratório está justamente na articulação entre economia doméstica e os movimentos de reprodução do capitalismo como fluxo contínuo de projeção de demanda, crise, negociação e/ou resolução sendo de fundamental importância perguntar pelo papel do Estado nesta rede de relações.

*La red migratoria se define como el conjunto de relaciones sociales que organizan y dirigen la circulación de trabajo, capital, bienes, servicios, información e ideologías entre las comunidades que envían migrantes y las que los reciben. Estas redes, en tanto instancias de autoayuda e intercambio, trasvase de información, etc. tenderían a reproducir las relaciones de género dominantes en la sociedad de origen. Sin embargo, el carácter de internacionalidad de la red y de interconexión entre dos sociedades, deja abierta la posibilidad de cambio en algunos aspectos en las relaciones entre los géneros.*³⁶

Entretanto a maioria das propostas das igrejas acaba sendo subordinada por interesses internos das igrejas mesmo que também se vêm atingidas por estes processos de mobilidade, como, por exemplo, na apresentação do Task Force de Migração da Igreja Metodista nos Estados Unidos e suas áreas prioritárias:

Outra ênfase da força-tarefa é viver o compromisso da Igreja Metodista Unida através de suas quatro áreas de foco: saúde global, o crescimento da igreja, acabar com a pobreza, e desenvolvimento de líderes - a partir do ponto de vista

³⁵ Ibid.,

³⁶ Ibid.,

de do migrante mundial.³⁷

A ação pastoral indica um olhar a partir do ponto de vista global do migrante mas se dilui em pontos estratégicos internos como: crescimento da igreja e formação de líderes, como expresso por um missionário: “uma resposta criativa ao processo de migração abre novas possibilidades para a igreja”.³⁸

Outro problema seria a persistência da perspectiva de modernização das reflexões das igrejas, que insistem em entender o processo de migração como fruto de coerção, relações de venda e compra, exploração doméstica e servidão sem qualquer espaço para possíveis expressões de autonomia de migrantes:

Todos os dias pessoas em todo o mundo são coagidas a trabalho forçado, comprados e vendidos na prostituição, exploradas em servidão doméstica, escravizados no trabalho agrícola e nas fábricas, e capturado para servir como soldados.³⁹

A redução do fenômeno da migração sem identificação da pluralidade e simultaneidade de variáveis envolvidas, como expressão de deslocamentos sistêmicos nos cenários de origem e recepção da migração, reforça a vitimização em especial das mulheres e não identifica as demandas locais e sua participação na totalidade dos processos de reprodução econômica. Limitadas como objeto da “trata de pessoas” as mulheres recebem uma ação das igrejas, mas não são protagonistas desta mesma ação, isto é, como “mero instrumento de fazer lucro”:

Durante o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica reafirmou sua preocupação histórica sobre trabalho forçado, afirmando que ‘escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e crianças, [e] as condições de trabalho indignas em que [as pessoas] são tratadas como meros instrumentos de lucro, ao invés de tratadas como filhos livres e responsáveis é uma infâmia’ e ‘uma afronta aos valores fundamentais [...] valores radicados na própria natureza da pessoa humana’.⁴⁰

³⁷ COUDAL, Mary Beth. *United Methodist Church Follows Jesus' Lead: Immigration Task Force Moves Ministry to the Borders*. Texto original: Another emphasis of the task force is to live out the commitment of The United Methodist Church through its four areas of focus: global health, church growth, ending poverty, and developing leaders--with a global migrant's point of view. Disponível em: <http://gbgm-umc.org/global_news/full_article.cfm?articleid=6109>. Acesso em: 2 dez. 2013.

³⁸ Texto original: A creative response to a migration process opened up new possibilities to be the church. *ibid.*

³⁹ *A Resolution to Expand the Church's Ministry with and Advocacy Against Human Trafficking*, Advocacy Committee for Women's Concerns. Texto original: Every day people worldwide are coerced into bonded labor, bought and sold in prostitution, exploited in domestic servitude, enslaved in agricultural work and in factories, and captured to serve as child soldiers. Disponível em: <<http://www.faitrustinstitute.org/resources/articles/Resolution-on-Trafficking.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2013.

⁴⁰ *On Human Trafficking*, Committee on Migration of the United States Conference of Catholic Bishops (USCCB). Texto original: During Vatican II, the Catholic Church reaffirmed its historic concern about

Uma postura de escuta e de acolhida das mulheres migrantes trabalhadoras de sexo exigiria considerar a possibilidade de diferentes experiências de organização, nos âmbitos nacional e internacional, que têm como questão central a luta contra a discriminação e a violência, inclusive policial, e a luta pelo reconhecimento da cidadania das mulheres prostitutas⁴¹ e seu protagonismo.

Também, em relação ao trabalho doméstico uma perspectiva cristã caritativa, piedosa e “complementarista” não deixa ver aspectos fundamentais do problema no sistema de reprodução da vida nos países receptores de trabalho doméstico. A mercantilização do setor de cuidados domésticos e sua “racialização” e “feminização”⁴² coincide com desordenamentos no modo de vida dos países desenvolvidos. Este desordenamento é mascarado por posicionamentos reformista por parte de governos, organizações e igrejas que não conseguem abordar a questão considerando as redes de relação envolvidas e a necessidade de trabalhar, educar e intervir nos processos de alienação do trabalho doméstico no mundo desenvolvido.

A teologia feminista tem trabalhado profundamente no redimensionamento da vida cotidiana, articulando dimensões de desconstrução e recriação que poderiam contribuir para perspectivas novas no tratamento do espaço doméstico, suas estruturas e persistências, dramas e reinvenções. Entretanto esta contribuição ainda não é plenamente reconhecida e integrada.

Tudo na vida cotidiana, tudo da vida cotidiana. Tudo ordinário no extraordinário da vida. E é também nela que o sorriso acontece, a amizade irrompe, o beijo se dá, a boca come, a lágrima cessa, a esperança se nutre, a poesia se faz. É nela que um campo é semeado, que uma mulher engravida, que um velho se lembra do caminho percorrido, que o abraço esperado enfim acontece, que o mistério é ternamente vislumbrado. Não seria isso tudo apenas o caminho humano, o misterioso caminho humano? Não seria esta a misteriosa beleza de nossa finitude?⁴³

forced labor, stating that “slav-ery, prostitution, the selling of women and children, [and]disgraceful working conditions where [people] are treated as mere tools for profit, rather than as free and responsible per-sons” are “infamies” and “an affront to fundamental values... values rooted in the very nature of the human person. Disponível em: <<http://www.usccb.org/about/anti-trafficking-program/upload/OnHumanTrafficking.pdf>>. Acesso em 3 nov. 2013.

⁴¹ RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? *Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 12, n. 1, June 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141449802009000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19/03/2014.

⁴² FARRIS, Sarah. Neoliberalism, Migrant Women, and the Commodification of Care. *The Scholar & Feminist Online*. Disponível em<<http://sfonline.barnard.edu/gender-justice-and-neoliberal-transformations/neoliberalism-migrant-women-and-the-commodification-of-care/#sthash.U8YaFpog.dpuf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

⁴³ GEBARA, Ivone. *Por onde Deus caminha na América Latina?* Tempo & presença Digital. Disponível em:

*soy un montón de cosas santas
mescladas con cosas humanas
como te explico? . . . cosas mundanas.*

Referências

A Resolution to Expand the Church's Ministry with and Advocacy Against Human Trafficking,

Advocacy Committee for Women's Concerns. Disponível em

<<http://www.faithtrustinstitute.org/resources/articles/Resolution-on-Trafficking.pdf>>.

Acesso

em: 03 nov. 2013.

AGUSTIN, Laura. *Sex at the Margins*. Migration, Labour Markets and the Rescue Industry.

Zedbooks. 2007. Disponível em

<http://books.google.com.br/books?id=4UR_K7rSLrYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em:

11 jun. 2014.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama comercial: reflexões sobre a feminilização da

telenovela. *Caderno Pagu*. Campinas, n. 19, 2002. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/06/2014.

ANTUNES, Luciene. Eles migram, a Western Union ganha. *Exame*. Disponível em

<<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0910/noticias/eles-migram-a-western-union-ganha-m0149699>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

BALLONE, G.J. *Delitos Sexuais (Parafilias)*. Disponível em

<<http://www.psiqweb.med.br/site/DefaultLimpo.aspx?area=NO/LerNoticia&idNoticia=20>>.

Acesso em: 15 jun. 2014.

BEARZOTI, Paulo. *Sexualidade, um conceito psicanalítico freudiano*, Neuropediatria.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

CARRASCO, Esteban Tabares. "Fui extranjero y me acogísteis": Inmigración y respuestas

cristianas. *Comunidades Cristianas Populares*. Disponível em:

<<http://www.ccp.org.es/node/42>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CARVALHAES, Cláudio. Um mundo sin muros. *Ribla* 63. Disponível em:

<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=51&cod_boletim=3&tipo=Cr%F4nica>.

Acesso em: 2 nov. 2013.

<<http://www.claiweb.org/ribla/ribla63/claudio.html>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

CHAVES, Marjorie, *Sociedade capitalista, racismo e sexismo: a importância da autocrítica feminista*. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/06/16/sociedade-capitalista-racismo-e-sexismo-a-importancia-da-autocritica-feminista/>>. Acesso em: 28 maio 2014.

COUDAL, Mary Beth. *United Methodist Church Follows Jesus' Lead: Immigration Task Force Moves Ministry to the Borders*. Disponível em: <http://gbgm-umc.org/global_news/full_article.cfm?articleid=6109>. Acesso em: 2 dez. 2013.

Diálogo de las Américas sobre Fe, Economía y Migraciones. *Migrantólogos*. Disponível em: <<http://www.migrantologos.mx/index.php/novedades-bibliograficas/2160-carta-pastoral-a-las-iglesias-de-los-participantes-del-dialogo-de-las-americas-sobre-fe-economia-y-migraciones-quito-ecuador-noviembre-29-diciembre-1-2013->>. Acesso em: 20 maio 2014.

FARRIS, Sarah. Neoliberalism, Migrant Women, and the Commodification of Care. *The Scholar & Feminist Online*. Disponível em: <<http://sfonline.barnard.edu/gender-justice-and-neoliberal-transformations/neoliberalism-migrant-women-and-the-commodification-of-care/#sthash.U8YaFpog.dpuf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

GEBARA, Ivone. *Por onde Deus caminha na América Latina?* Tempo & presença Digital. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=51&cod_boletim=3&tipo=Cr%F4nica>. Acesso em: 2 nov. 2013.

GREER, G. *Sexo e destino: a política da fertilidade humana*. Rio de Janeiro: Rocco. 1987. p.160.

HERRERA, Gioconda. *Cuidados globalizados y desigualdad social*. Reflexiones sobre la feminización de la migración andina. Disponível em: <http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=53&func=fileinfo&id=435>. Acesso em: 03 jun. 2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão Sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, pp. 595-609, 2007, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: 15 jun 2014.

Introdução, Migraciones, globalización y género. Disponível em: <<http://www.choike.org/nuevo/informes/4228.html>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

LUNA SALES, Ana Paula. Amor à venda? Ritualizações do programa entre as prostitutas do restaurante Granada. *Etnográfica*. Lisboa, v. 17, n. 1, fev. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612013000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2014.

- MAYORGA, Claudia. Cruzando fronteiras: prostituição e imigração. *Cad. Pagu*. Campinas, n. 37, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2014.
- MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920. *Rev. bras. Hist.* São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- MÉZÀROS, István. As contradições do capitalismo. *Carta Capital*. Acesso em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/as-contradicoes-do-capitalismo>>. Acesso em: 12 dez. 2013.
- NASH, Mary. Nuevos horizontes y viejos dilemas. Los retos de la era global. In: NASH, M. *Mujeres en el Mundo*. Historias, retos y movimientos. Madrid: Alianza Editorial, 2012, p. 309-339.
- NUSSBAUM, MARTHA C. *Sex and Social Justice*. Oxford USA Trade. 1999.
- On Human Trafficking*, Committee on Migration of the United States Conference of Catholic Bishops (USCCB). Disponível em: <<http://www.usccb.org/about/anti-trafficking-program/upload/OnHumanTrafficking.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2013.
- PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 20, n. 57, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- PAVAN, Bruno. A prostituição em xeque. *Brasil de Fato*. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/28090>>. Acesso em: 18 jun. 2014.
- PESTANA, Marco Marques, A retomada das ruas em junho de 2013: uma análise da nova conjuntura política brasileira. *Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois*, Disponível em: <<http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MManteriores/MM2013/Trabalhos/Amc643.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- Princípios gerais para serviços de remessas internacionais*. CPSS/Banco Mundial – Princípios gerais para remessas – Janeiro de 2007. <https://www.bcb.gov.br/htms/spb/Principios_Gerais_Servicos_remessas_internacionais.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2013.
- Prostituição Gera US\$ 16 Bilhões Ao Ano Na América Latina. *GI*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1407304-5602,00-PROSTITUICAO+GERA+US+BILHOES+AO+ANO+NA+AMERICA+LATINA.html>>. Acesso em: 08 nov. 2013.
- RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? *Rev. katálysis*. Florianópolis, v. 12, n. 1, June 2009.

Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14144980200900010009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 mar. 2014.

ROSA, Giuseppe. Prostituição globalizada. *Amaivos*. Disponível em:
<http://direto.amaivos.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=10610&cod_canal=42>. Acesso em: 8 nov. 2014.

SAN MARTIN, Ximena Zavala, VENEGAS, Claudia Rojas. Globalización, procesos migratórios y estado en Chile, Migraciones, globalización y gênero. *CHOIKE*. Disponível em: <<http://www.choike.org/nuevo/informes/4228.html>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Serviço Pastoral do Migrante. Disponível em: <<http://spmigrantes.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

Trabalhadoras e trabalhadores migrantes: alcançar a igualdades de direitos e oportunidades. OIT. Disponível em:
<http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/gender_december.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2013.